

D. JOÃO DA CÂMARA

---

TEATRO COMPLETO

---

III



---

MMVI

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Título:* Teatro Completo  
Vol. III

*Autor:* D. João da Câmara

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Paula Lobo

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Abril de 2006

*ISBN:* 972-27-1468-6

*Depósito legal:* 235 272/05

D. JOÃO DA CÂMARA

---

TEATRO COMPLETO

---

III

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2006

INSTITUTO DE ESTUDOS DE TEATRO

# TEATRO COMPLETO

Edição realizada no âmbito do protocolo  
entre o Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa  
e a Imprensa Nacional-Casa da Moeda



Representada, pela primeira vez, no Teatro de D. Maria II, em 11 de Dezembro de 1897. Distribuição de actores; Rebelo — *João Rosa*; Alferes — *Eduardo Brasão*; João da Alegria — *Carlos de Oliveira*; Barros — *Augusto Rosa*; Nazaré — *Laura Cruz*; Maria do Ó — *Carolina Falco*; Assunção — *Rosa Damasceno*.

## TRISTE VIUVINHA



Um bravo está dentro a D. João da Câmara — a quem mais largamente nos referimos na *Chronica* — pela perfeição da peça, e outro aos interpretes pela perfeição do descomponho, que não pôde ser excedida, e difficillimo poderá ser igualada!

## TRISTE VIUVINHA

PERSONAGENS:

REBELO, velho tabelião retirado na aldeia  
O ALFERES, reformado  
JOÃO DA ALEGRIA, seu filho, mestre-escola  
BARROS, sargento da guarda fiscal  
NAZARÉ, viúva, nora de Rebelo  
MARIA DO Ó, sua tia  
ASSUNÇÃO, rapariga do campo

*Em Santa Luzia, aldeia do Baixo Alentejo.*

### ACTO I

*Em casa do Rebelo. Porta ao fundo com postigo. Do lado esquerdo da porta, uma cama alta, de madeira pintada; colcha de chita de cores e almofada de fronha com rendas. Na parede, do lado da cabeceira, um crucifixo e uma imagem de Nossa Senhora. Próximo dos pés da cama, uma grande moldura de cortiça muito historiada, e dentro uma fotografia pequena, de um homem dando o braço a uma mulher. À direita da porta do fundo, uma comodazinha coberta com uma toalha e em cima dois castiçais de vidro sobre papel recortado e um relógio ordinário de caixa de madeira. Na parede, uma litografia colorida, retrato do Sr. D. Miguel; à roda, uma coroa de rosas de papel envolta em gaze. Ao canto da direita, o oratório de madeira preta com vários santos; em frente, duas pequeninas jarras com flores e entre elas a lamparina acesa. Porta ao centro, do lado*



*direito, a que deve subir-se por dois degraus toscamente abertos na rocha natural. Janela do outro lado com poiais de tijolo. No primeiro plano, um armário de madeira preta, envidraçado, com loiças, garrafas, etc. À direita, uma estante com livros e perto uma mesa grande de pau-santo, com tinteiro antigo de metal amarelo, candeeiro de três bicos, papéis e um volume dos sermões do Padre António Vieira. Junto da mesa, uma cadeira de braços, antiga, conventual, e outra, pequenina, de costura. Arrumada a um canto, uma mesa de pé-de-galo e tábua quadrada. Arcas, baús cobertos com colchas. Cadeiras alentejanas com flores pintadas. Friso com loiça velha da Índia, terrinas, pratos, etc. No tecto, uma madre, tronco mal desbastado. Vigamento de castanho. Telha vã. Paredes muito caiadas. Tudo naquele primor de asseio, vulgar no Alentejo. Marca o relógio seis horas e vinte minutos.*

#### CENA I

REBELO, NAZARÉ e MARIA DO Ó

REBELO — Não te sentes pior, não?

NAZARÉ — Já me passou. Não foi nada. (*Vai à cómoda buscar um lenço preto.*)

MARIA DO Ó — Veio o calor tão de repente!

NAZARÉ — Foi do calor.

MARIA DO Ó — Queres que te ajude?

NAZARÉ — Não, tia. Obrigada.

REBELO — Tinha pena, se não fosses. Ainda agora, quando lá estive... Queres saber? Nasceu um pé de murta mesmo em cima da cova. O Jerónimo que o deixe crescer. Daqui a dois meses dá flor. Quando ele te escrevia e chamava Flor da Murta...! Já faz hoje dois anos...! Não te sentes pior, não?

NAZARÉ — Maior quebreira. Mas a tia tem razão; deve ser do calor.

MARIA DO Ó — E do ferver dessa cabecinha. Sossega. O teu homem está no céu.

NAZARÉ — Era um santo.

REBELO — Meu filho...!

MARIA DO Ó — E não te deixes lá ficar. Ontem, logo à boca da noite, começaram caindo umas branduras, e aquele cemitério é tão húmido!

NAZARÉ — Antes do anoitecer devo estar de volta.

REBELO — É tarde. Vai para as seis e meia. Não fecharia ainda a escola o João da Alegria?

MARIA DO Ó — Tem-me posto em cuidados. Ele que nunca se esquece...! E dá Deus uma jóia daquelas...!

REBELO — Lá me vai vossemecê dizer mal do Alferes! Bem sei que o homem tem lá outras ideias. Deus perdoe aos moradores deste século o muito que o têm esquecido. Não diz o seu génio com o meu; mas ele é muito meu amigo.

MARIA DO Ó — Amigo...!

REBELO — A seu modo. Fomos baptizados na mesma pia, isso bastava; nasceram os nossos filhos na mesma hora; dos partos das nossas mulheres enviuvámos ambos.

MARIA DO Ó — Faz sua diferença; o Sr. Rebelo era recebido e ele...

REBELO — E a dar-lhe...! É-nos prova da alta misericórdia divina o amparo que ele achou em seus anos velhos. Que filho aquele! Quando, há pouco, o Dr. Aníbal de Beja lhe ofereceu casa, bom ordenado...

MARIA DO Ó — Bom passadio...

REBELO — E que bela posição para qualquer negócio futuro! E afinal pouco trabalho: dirigir a educação dos pequenos, ensinar-lhes latim, francês, o milhão de coisas que o João da Alegria sabe. E, já tudo preparado, dá-lhe o coração um arranco, e para aí se fica em Santa Luzia, mestre-escola, por não deixar o pai velhinho!

MARIA DO Ó — Não ser eu Nosso Senhor! Aquele herege com um filho assim, e o Sr. Rebelo...

NAZARÉ — É tarde. Vou-me andando, meu pai.

REBELO (*abraçando-a*) — Filha!... Eu e a Sr.<sup>a</sup> Maria do Ó vamos da janela do teu quarto ver quando assomas ao alto do cabeça. (*Para Maria do Ó.*) Viu-me Deus de saúde gastada, idade decrépita e, para que o golpe não fosse fatal, deu-me com quem amansar a minha dor. (*Para a Nazaré.*) Bendito ele seja que me deu o chorar contigo! (*Beija-lhe os cabelos.*) Os teus cabelos voltam-me os beijos do meu filho. Adeus. Até logo. Dá-lhe lembranças minhas.

MARIA DO Ó — Olha a cacimba. Toma conta.

NAZARÉ — Não tenha cuidados. Até logo.

(*O Rebelo e a Maria do Ó saem pela porta da direita. A Nazaré abre a gaveta da cómoda, donde tira um espelho. Concerta o lenço e o cabelo. Vai à janela, olha para fora, sufoca um pequenino grito e recolhe-se logo.*)

## CENA II

### NAZARÉ e JOÃO DA ALEGRIA

JOÃO DA ALEGRIA (*um instante depois, à porta*) — Ia sair?

NAZARÉ — Agora mesmo. Estávamos numa ansiedade! Não veio às horas do costume...

JOÃO DA ALEGRIA — Fui passear, correr os olhos por esses campos. Andei no caminho do cemitério. Como são quinze do mês e faz hoje dois anos... Agora é que vai?

NAZARÉ — Não pude mais cedo. Estive adoentada.

JOÃO DA ALEGRIA — Vim para saber novas suas.

NAZARÉ — Tenho em muito a sua amizade, Sr. João da Alegria. Nada de cuidado. Triste passeio escolheu hoje.

JOÃO DA ALEGRIA — Como pessoa vezada a tristezas. Mas os sítios não querem dizer nada. Lá andavam no matinho, mesmo atrás do muro, as moças da aldeia a cantar.

NAZARÉ — Alguma cantiga nova?

JOÃO DA ALEGRIA — Não pude apanhar-lhe o estilo. O verso não sei se lho diga.

NAZARÉ — Porquê?

JOÃO DA ALEGRIA — Pode amargurá-la. Quem faz cantigas não sabe o que faz.

NAZARÉ — Diga; versos nunca me entristecem

JOÃO DA ALEGRIA:

Senhora Santa Luzia,  
Lavada do vento norte,  
Quem nela tem seus amores  
Não pode ter melhor sorte.

NAZARÉ — É bonita! Que pena não se lembrar... Eu dantes sabia tantas!... Agora, como não saio... Então porque anda triste? Já não gosta de Santa Luzia?

JOÃO DA ALEGRIA — Deixei-me ficar... Estou quase a arrependêr-me.

NAZARÉ — Ainda há pouco aí disseram tão bem de quanto quer a seu pai!

JOÃO DA ALEGRIA — O fim porque fiquei... e foi talvez um fim torcido!

NAZARÉ — Porque não me conta as suas tristezas?

JOÃO DA ALEGRIA — Mau feitio meu.

NAZARÉ — Eu sei que, se às vezes pudesse falar...

JOÃO DA ALEGRIA — Ah! Se eu pudesse falar!... Mas começo a atrigar-me, nem sabendo como dar-lhe princípio! Tenho medo. Meu coração é triste de si e gosta de dar gasalhado às melancolias. Ainda agora as moças cantavam que era um gosto ouvi-las; passaram dois corvos crocitando e voltei desconsolado!

NAZARÉ — É tão bom ter com quem desabafar! Era talvez para bem de nós ambos. Mas também eu tenho medo... É pena que não lhe ficasse o estilo. O verso é tão bonito! Vamos a ver se pode lembrar-se. Sente-se aqui.

JOÃO DA ALEGRIA — Obrigado. Mas, como sabe, meu pai quer sempre que o procure, e é quase sol-posto.

NAZARÉ — Sol-posto! Valha-me Deus! (*Ouve-se dentro a voz do Rebelo.*) Meu pai e a tia! Não lhes diga... Até logo. (*Saindo apressada.*) Sol-posto! Ia-me esquecendo!

### CENA III

JOÃO DA ALEGRIA, REBELO e MARIA DO Ó

REBELO — Olá, João da Alegria!... Vínhamos saber da Nazaré.

JOÃO DA ALEGRIA (*um pouco atrapalhado*) — Quando entrei...

MARIA DO Ó — Já tinha tempo de sobra...

JOÃO DA ALEGRIA — Parou talvez a conversar... (*Vai à janela.*) Alguém a demorou no caminho. (*Olha.*) Não. Lá vai.

REBELO (*à janela*) — Lá vai, sim. E tão combalida ainda! Lá vai com o seu lencinho de viúva... (*Para o João da Alegria.*) É que faz hoje dois anos...

JOÃO DA ALEGRIA — Lembrei-me do triste aniversário.

REBELO — Tínhamos estranhado a tua ausência. (*Olha para fora e diz adeus.*) Dois anos...! Nesta cama onde agora durmo... Lábios de que andávamos suspensos... fechados para sempre! Olhos tão lindos que cegavam os nossos... embaciados!... Coitadinha da Nazaré!... Obrigado, João da Alegria; não te esqueceste.

JOÃO DA ALEGRIA — Era só um adeus. Vou em busca de meu pai.

MARIA DO Ó — Deus vá contigo.

REBELO — Adeus, rapaz. Quando te vejo... que saudades!

### CENA IV

REBELO e MARIA DO Ó

REBELO — Não vá esta ida ao cemitério fazer mal à Nazaré.

MARIA DO Ó — Anda tão esquisitória!